

# As unidades léxicas no romance D'A Pedra do Reino de Ariano Suassuna

The lexical units in the novel D'A Pedra do Reino de Ariano Suassuna

Lilian Santana da Silva

**Como citar esse artigo.** SILVA, L. S. As unidades léxicas no romance D'A Pedra do Reino de Ariano Suassuna. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 55-64, set./dez. 2022.



## Resumo

O estudo tem como objetivo analisar as unidades léxicas no vocabulário do romance d'A Pedra do Reino de Ariano Suassuna. Os pressupostos teóricos da Semântica Lexical e da Fraseologia orientam a análise das lexias. Para entender as relações e significados estabelecidos pelos elementos que fazem parte do trabalho, foi privilegiada uma metodologia qualitativa de cunho interpretativo a partir da análise textual. O autor utiliza-se de um léxico regional/popular nordestino, usa arcaísmos, prefixos e sufixos com efeitos expressivos, cantigas populares, provérbios e frases feitas. Tudo isto marca a expressividade da linguagem de Ariano Suassuna. Este trabalho faz rápidas considerações teóricas sobre Fraseologia, mostra as relações entre léxico, sociedade e cultura, aplicando tais conceitos a exemplos de unidades léxicas complexas pertencentes ao vocabulário do romance. A temática, a estrutura literária e a linguagem do romance caracterizam, com rara precisão, o nosso povo, seu falar, costumes, crenças e tradições, e seu modo de ser, viver, pensar e agir, dentro do seu universo sócio-linguístico-cultural. O vocabulário pode ser entendido como o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação. Nesta pesquisa procura-se, a partir do estudo do vocabulário, oferecer uma visão de conjunto das lexias encontradas no texto, para favorecer o entendimento da cultura popular brasileira no que se refere à manifestação da língua com características regionais. As unidades léxicas complexas encontradas no corpus funcionam como elos na representação do sistema referencial e expressivo da linguagem.

**Palavras-chave:** Semântica Lexical; Fraseologia; Ariano Suassuna; Regionalismo.

## Abstract

The study aims to analyze the lexical units in the vocabulary of the novel A Pedra do Reino by Ariano Suassuna. The theoretical assumptions of Lexical Semantics and Phraseology guide the analysis of lexias. In order to understand the relationships and meanings established by the elements that make up the work, a qualitative methodology of an interpretative nature based on textual analysis was privileged. The author uses a northeastern regional/popular lexicon, uses archaisms, prefixes and suffixes with expressive effects, popular songs, proverbs and ready-made phrases. All of this marks the expressiveness of Ariano Suassuna's language. This work makes quick theoretical considerations on Phraseology, shows the relationships between lexicon, society and culture, applying such concepts to examples of complex lexical units belonging to the vocabulary of the novel. The theme, literary structure and language of the novel characterize, with rare precision, our people, their speech, customs, beliefs and traditions, and their way of being, living, thinking and acting, within their socio-linguistic-cultural universe. Vocabulary can be understood as the subset that is in effective use, by a given group of speakers, in a given situation. This research seeks, from the study of vocabulary, to offer an overview of the lexias found in the text, in order to favor the understanding of Brazilian popular culture regarding the expression of language with regional characteristics. The complex lexical units found in the corpus function as links in the representation of the referential and expressive system of language.

**Keywords:** Lexical Semantics; Phraseology; Ariano Suassuna; Regionalism.

## Introdução

O léxico é um sistema aberto com permanente possibilidade de ampliação, a face individual do falante da língua e a expressão coletiva da comunidade linguística conduzem as variadas combinações, crescendo o número de unidades léxicas.

A lexicologia é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais. Mário Vilela (1994) define a lexicologia como o estudo das palavras de uma língua, em todos os seus aspectos, tendo uma ligação especial com a semântica. Ao enquadrar genericamente o léxico existente nos seus parâmetros históricos e tratar o conteúdo dos lexemas do ponto

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Valença, Bahia, Brasil / Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil.

\* Email de correspondência: naili.salt@gmail.com

Recebido em: 02/11/2021. Aceito em: 26/11/2022.

de vista das estruturas paradigmáticas e sintagmáticas, e das relações semânticas (sinonímia, antonímia, hiponímia, polissemia, homonímia), entende-se e analisa-se a lexicologia como semântica lexical. O estudo tem como objetivo analisar as unidades léxicas no vocabulário do romance *d'A Pedra do Reino* de Ariano Suassuna. Os pressupostos teóricos da Semântica Lexical e da Fraseologia orientam a análise das lexias. Para entender as relações e significados estabelecidos pelos elementos que fazem parte do trabalho, foi privilegiada uma metodologia qualitativa de cunho interpretativo a partir da análise textual.

O romance *D'A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do Vai-e-Volta* de Ariano Suassuna mescla elementos da cultura popular e erudita. O enredo conta fatos históricos relacionados com a vida dos ancestrais do narrador-personagem. Encontram-se também poesias populares antigas, cartas e documentos do início do século XIX condensados na obra. A linguagem e o vocabulário da época impregnam o romance de elementos que suscitam discussões sobre a evolução da língua. Na narrativa, a personagem principal mistura suas ações e atitudes com a poesia popular. Teremos, então, prosa e poesia em um mesmo texto. As marcas da oralidade no texto e o vocabulário marcadamente de cunho regional fornecem os indícios de que os aspectos culturais e sociais influenciaram na produção textual. Nas relações de sentido presentes no discurso, o enunciador expressa usos sinonímicos, opositivos ou ambiguidades léxicas, em decorrência de existir, em seu idioleto, um jogo dialético entre diferentes tempos, dialetos, socialetos, estilos, de tal forma que essa interação se manifesta, em seu discurso, a partir de suas escolhas, de sua intencionalidade.

Nesta pesquisa procura-se, a partir do estudo do vocabulário, oferecer uma visão de conjunto das lexias encontradas no texto, para favorecer o entendimento da cultura popular brasileira no que se refere à manifestação da língua com características regionais.

## Conceitos operacionais na ciência do léxico

A ciência do léxico caracteriza-se, tomando por base um panorama global, por ser o estudo do(s) léxico/vocabulário e das unidades léxicas/vocábulos, considerando as suas faces e interfaces, a partir de diversas linhas de estudo, valendo-se de diferentes perspectivas teóricas e procedimentos metodológicos. No campo das posições terminológicas e teóricas, contribuem para o desenvolvimento dos estudos lexicológicos modelos da linguística, partindo-se de Saussure, com as noções das palavras simples e compostas, vinculadas à dicotomia *langue e parole*.

A palavra é um termo genérico, tradicionalmente utilizado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes. Como a palavra faz parte do vocabulário, subentende-se que palavra e vocabulário são conceitos distintos. O vocabulário pode ser entendido como o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação.

O léxico liga-se diretamente à experiência do mundo real, reflete e constitui o estoque e o armazenamento de onde os falantes extraem as palavras conforme as situações de uso. As unidades lexicais não se definem apenas no paradigma, mas também no lugar da frase e pelas relações com outras unidades.

A lexicologia possui outros interesses, além do estudo do significado, e a semântica não se reduz ao estudo da significação do léxico e de suas unidades. Dessa forma, não é possível entender lexicologia como semântica e vice-versa. Para a linguística anglo-saxônica, o estudo dos itens lexicais está dividido e distribuído pela Semântica Lexical, a Morfologia e a Fraseologia.

Na definição de Benveniste (1976, p. 16), a lexicologia:

[...] fornece os pressupostos teóricos e traçam grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua, sua função e apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma.

A lexicologia é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais. A ciência do léxico caracteriza-se, tomando por base um panorama global, por ser o estudo do(s) léxico/vocabulário e das unidades léxicas/vocábulo, considerando as suas faces e interfaces, a partir de diversas linhas de estudo, valendo-se de diferentes perspectivas teóricas e procedimentos metodológicos.

Para Cruse (1986), a semântica lexical estuda a palavra e as suas relações de sentido. Mas ocorre um problema com a noção de palavra. Os estruturalistas definiam a palavra como uma forma, isto é, como “traço vocal recorrente que tem significado” (BLOOMFIELD, 1926). Isto implicava haver a necessidade da utilização de critérios fonológicos indissociados de critérios gramaticais para a sua apreensão. Para evitar que enunciados diferentes pudessem ser segmentados de maneiras diversas e que noções oriundas dos estudos tradicionais fossem associadas à análise gramatical, a linguística do século XX retirou a ênfase da palavra, em favor da noção de morfema. O morfema tornou-se a unidade básica da gramática e, por conseguinte, da morfologia – agora transformada em morfologia baseada em morfemas. Desse modo, a morfologia da maior parte do século XX passou a ser a análise sintagmática dos vocábulos, sendo tratados indistintamente os termos palavra e vocábulo.

A definição do morfema como forma mínima com significado levou a dificuldades que não deixaram de ser detectadas pelos estudiosos da época, a começar pela questão do significado a atribuir a um morfema. No estudo da formação de palavras, os problemas com os significados não levou ao puro e simples abandono da noção de morfema, mas a um redimensionamento desse conceito. O redimensionamento do conceito de morfema significou retirar dele o papel central na análise morfológica. Na busca de explicação para a competência lexical dos falantes, o que passa a ser necessário não é o estabelecimento de listas de elementos mínimos, mas a resposta a questões acerca de que palavras os falantes podem formar, que tipos de palavras, novas ou antigas na língua, são capazes de analisar, que relações estabelecem no âmbito do vocabulário. E esta, grosso modo, a visão de Aronoff (1976) e de Basílio (1980). Os processos produtivos de formação de palavras atuam sobre palavras existentes na língua. Essa hipótese é conhecida como morfologia baseada em palavras. Para não ser facilmente falsificada, a noção de palavra teve de ser ajustada.

Para a linguística, o grande problema em definir palavra é ser esse termo passível de receber diferentes caracterizações nas diferentes dimensões do estudo da linguagem, nem sempre resultantes na mesma unidade. Podemos entender palavra: como uma unidade fonológica; como o elemento mínimo da estrutura sintática; como um elemento do vocabulário da língua (ROSA, 2007).

Biderman (2001) propõe uma relatividade no conceito de palavra, apoiada nas ideias de Sapir – Whorf, admitindo as premissas de que a partir do sistema linguístico em que está inserida a análise, se cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto. Portanto, não podemos definir a palavra de forma a ser aplicável a toda e qualquer língua, só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua. Assim, deixa de considerar aspectos que uma linguística deixa de analisar em uma língua. A teoria whorfiana considera que a tipologia de uma língua interfere na análise da estrutura linguística, cada língua possui uma discriminação de formas em línguas flexivas, aglutinante, isolante.

A segmentação do enunciado com o objetivo de reconhecer as unidades léxicas que o compõem apresenta alguns obstáculos para o linguista. Primeiro porque remete para a definição do conceito de palavra, segundo, porque requer a identificar as unidades léxicas. Como identificar quantas palavras tem certo enunciado? Vários caminhos podem ser trilhados para a segmentação das unidades léxicas, podem se operar com os critérios fonológico, morfossintático e semântico.

Para Biderman (2001), o linguista deve operar os três critérios simultaneamente para delimitar as unidades léxicas. Uma vez reconhecida as unidades léxicas em potencial no interior do enunciado, através da análise fonológica (potencialidade de pausa, acento da palavra, outras regras fonológicas), devemos submeter os segmentos as regras morfossintáticas. Nessa segunda etapa da análise, dois critérios atuam

ao mesmo tempo, a classificação gramatical da palavra, em função dos marcadores morfossintáticos que ela apresenta e a função exercida pela palavra na sentença. Estamos então, superpondo um critério formal a um critério funcional. No nível das questões morfossintáticas, existem ainda outros parâmetros que devem ser considerados, como: o princípio da coesão interna da palavra ou item lexical. É preciso verificar se é possível realizar a inserção de um elemento entre o primeiro e o segundo constituinte da palavra, outro indicador é o princípio da permutação.

O lexema é uma palavra considerada como unidade abstrata. Tem significado lexical e pode apresentar variações, se manifestam no discurso através de formas fixas ou variáveis. Essa segunda alternativa é a mais frequente nas línguas flexivas e aglutinantes. Em português, o lexema DORMIR pode manifestar-se discursivamente como *dorme*, *dormiam*, *dormindo* etc. Estas formas que aparecem no discurso recebem o nome de *lexia*.

De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1973), no léxico português podemos distinguir duas classes de lexemas: as formas livres e as formas dependentes como os clíticos e vocábulos instrumentais. São formas livres: os substantivos, adjetivos e verbos. São formas dependentes: as preposições, os pronomes pessoais, os artigos, as conjunções etc.

Encontramos *lexias* simples e complexas, com graus de soldadura entre os elementos que nos permite distinguir a formação de uma *lexia* complexa, algumas estão perfeitamente soldadas e outras com forte índice de coesão interna. Ocorre muitas vezes que uma sequência já constitui um lexema em língua ou é muito frequente na fala enquanto combinatória de palavras. Como concluir que uma sequência de palavras seja uma *lexia* complexa ou apenas uma combinação frequente na fala? Palavras como *segunda-feira*, *guarda-chuva* são compostas ou unidades simples? São numerosos os casos de sintagmas já lexicalizados e que continuam a ser grafados como duas unidades ou três, às vezes, unidos por hífen ou com espaços em branco. A ortografia é um obstáculo, pois a inconsistência do código da escrita gera ambiguidades e confusão na hora de distinguir uma *lexia* complexa de uma *lexia* simples. A inadequação da escrita ao sistema linguístico permite que a linha demarcatória entre as *lexias* complexas cristalizadas em língua enquanto lexemas simples e as *lexias* complexas oscilem nos usos do discurso. Além das *lexias* complexas, o português possui um grande número de expressões idiomáticas. Estas expressões idiomáticas são combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada sequência e cujo significado não é a somatória das suas partes.

Definir uma palavra como composta compreende algumas dificuldades. Câmara Jr. (1973) e Basílio (1980; 1991) entendem que a composição na língua portuguesa é caracterizada por uma estrutura lexical formada por mais de uma base de natureza livre ou presa, unidas por aglutinação ou justaposição. Segundo Basílio (1991, p. 27):

[...] o processo de composição se caracteriza pela junção de uma base a outra para a formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é composta sempre que esta apresenta duas bases. Por exemplo, palavras como *guarda-chuva* (*guarda* + *chuva*), *luso-brasileiro* (*luso* + *brasileiro*), *sociolinguístico* (*sócio* + *linguístico*) e *agricultura* (*agri* + *cultura*) são compostos, isto é, formadas pela junção de duas bases, sejam estas formas presas – isto é, formas que dependem de outras para sua ocorrência como *agri-* em *agricultura* – ou livres, como *chuva*, *brasileiro*, e assim por diante.

Segundo teóricos como Basílio (1991) e Isquierdo (2007), ocorrem diferenças entre composição e derivação a partir da natureza livre ou presa dos seus respectivos elementos constituintes. No português, esse critério é instável. Sandman (1991) discute sobre a linha divisória entre prefixação e composição:

O ser elemento livre ou preso não tem sido suficiente para distinguir a prefixação de composição, embora a maioria dos prefixos sejam elementos presos. As gramáticas tradicionais incluem, por exemplo, *contra* e *além*, elementos que também ocorrem livremente na frase entre os prefixos [...] Há, por outro lado, muitos compostos formados de duas bases ou ao menos com uma base presa: *quadrissemana*, *tarólogo* de (*tarô* + *logo*).

Excluir do rol de prefixos os “formativos que apresentem qualquer de mobilidade” parece problemático, pois formativos cujo caráter de sufixos ninguém discute também podem apresentar mobilidade [...]

A instabilidade da divisão entre composição e prefixação se estende também para a sufixação.

De acordo com Sandman (1991), a função de nomeação ou categorização, de seres vivos ou eventos, que distingue palavra de sentença, não distingue um composto de um grupo sintático paralelo ou sinapsia ou composição sintagmática. O grupo sintático é toda sequência, fixa ou eventual, que, em certo sentido, é homônima da palavra composta, mas não são compostos, não sendo grafados com hífen. Sandman (1991) distingue o composto do grupo sintático por uma forma de isolamento ou distanciamento que pode ser de natureza semântica (o significado é o resultado da adição das partes, sem isolamento semântico), sintática, fonológica ou morfológica. Para Sandman (1991) e Silva (1999), os compostos podem ser de dois tipos: os compostos que se distinguem estruturalmente dos grupos sintáticos paralelos, porque seu molde de formação foge total ou parcialmente ao padrão morfossintático das sentenças do português. Esses são o de estrutura: S+S (NUC + DET), S +S (DET + NUC) e V+S; os compostos que se distinguem apenas semanticamente dos grupos sintáticos paralelos, uma vez que o seu molde de formação é morfossintaticamente compatível com o padrão frasal normal do português. São os S+de+ S, S+A, A+S e NUM +S; pode hipoteticamente, ser formado diretamente pelas estruturas S+de+S, S+A, A+S e NUM + S, sem passar pela lexicalização<sup>1</sup>.

Toda palavra abrange uma rede de significações. Os vocábulos que integram essa rede formam o campo semântico dessa palavra. Os campos semânticos podem evidenciar oposições simples e ou oposições complexas de significação. A lexia, unidade do universo lexical, tem três aspectos essenciais e indissociáveis: uma substância de conteúdo, moldada numa forma sintática, expressa num significante que seja uma sequência fonológica. Com efeito, a lexia, unidade mínima de comportamento do léxico, encerra o primeiro nível de combinatória sintático e semântico, de que sua estrutura prevê a combinatória de dois signos mínimos, o lexical e o gramatical, cada qual com seus conjuntos semêmicos próprios, semelhantes na estrutura, mas diversos quanto à natureza de sua substância.

Aragão (1990) e Isquierdo (2007) concordam que a obra literária, utilizando-se do instrumental linguístico, expressando-se em lexias, sintagmas, enunciados, cria um universo semiótico próprio, em que se estabelecem relações de oposição particulares entre os elementos, em que se formulam funções de modo diverso, de sorte que as redes semânticas e a rede léxica implicadas na obra não coincidem com as do código linguístico, que o autor possui, como falante pertencente ao grupo.

O universo semântico linguístico compreende as substâncias das formas lexicais e das formas gramaticais, diferentes quanto à natureza dos traços semânticos que comporta cada uma dessas formas, porém semelhantes na estruturação dos elementos semêmicos. Assim, o conjunto semêmico dos lexemas, o seu semema, é um conjunto de semas, ou traços distintivos mínimos de, que se distinguem por oposição em um conjunto lexical. Todo semema contém semas que pertencem a uma constante significação, que são descritivos, denotativos; e semas que pertencem a uma variável de significação, semas conotativos ou associativos. Há, pois, no conjunto semêmico de um signo, além de semas que pertencem a uma constante de significação descritiva, os que pertencem a uma constante de significação associativa, e os que são associativos somente em determinados contextos e para determinados indivíduos. Isso não significa, entretanto, que as constantes de significação associativa apareçam simultaneamente com os de significação descritiva constante, em qualquer atualização de um dado signo (BARBOSA, 2001).

Portanto, é ao nível de lexia, unidade de comportamento, unidade memorizada, disponível para atualização, que a noção de categoria, como parte do discurso, adquire seu valor. Ao redor do lexema reúne-se uma gama de aumentos qualitativos e quantitativos, que dá origem a uma hierarquia semântica no interior da palavra. Os aumentos não podem ocupar um lugar indeterminado na lexia, conforme a

<sup>2</sup>Ver Sandman (1991, p. 60-76) para detalhamento dos Compostos Determinativos formados de S + S (substantivos + substantivos) ou A = adjetivos, NUM = numerais e V= verbos, com ou sem NUC = núcleo.

sua natureza semântica, devem estar antepostos ou pospostos ao lexema, elemento central e básico. A substância de conteúdo das lexias resulta do produto dos semas lexicais e dos semas gramaticais. Logo, a lexia filhinha terá semas que descrevem um objeto do universo antropológico e cultural, e semas gramaticais, exclusivos do universo semêmico, no caso, marca de grau, número e gênero. Assim, a substância de conteúdo de filhinha seria descrita como: Filhinha = animado, humano, intransitivo, descontínuo, potente, sexuado, feminino, singular e grau diminutivo.

No momento em que temos essa descrição semântica, delimitamos simultaneamente a classe léxica dessa lexia. A língua se realiza pelo funcionamento de formas portadoras de substância, expressas por um significante. As relações entre a semântica lexical e o universo antropológico e cultural definem um sistema semêmico. A lexia é, como se observa, um nível de signo linguístico bastante elaborado, não só para o estudo das estruturas de uma língua e a definição de sua tipologia como também para a abordagem de uma obra literária ou para o exame do universo léxico de um autor.

## O romance D'a Pedra do Reino

A obra escolhida é o *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta. Romance armorial-popular brasileiro*, de Ariano Suassuna (1976), que teve sua primeira edição em 1971, constituindo-se o início de uma trilogia de romances do autor denominada de *Maravilhosa Desventura de Quaderna, o Decifrador e a Demanda Novelosa do Reino do Sertão*.

O texto está estruturado da seguinte forma: cinco livros, cada um com vinte ou vinte sete capítulos ou folhetos. Inicia com um discurso histórico e político, em que o personagem-narrador apresenta os fatos que o levaram a prisão e as tragédias ocorridas em sua família, como o assassinato do tio, que era governador, o sumiço do seu primo e as mortes na Pedra do Reino. O texto é uma mistura de romance de cavalaria (donzelas, reis, príncipes, honra, lealdade), romance de mistério (com mortes e assassinatos), romance de aventura (caçadas e buscas pelo reino perdido), com elementos do gênero lírico (poesias populares e cantigas), narrativo e épico (trajetória de um herói).

Esse romance, cujo gênero fica definido na segunda parte do título – “romance armorial-popular brasileiro” –, é, por assim dizer, um texto híbrido em que há uma confluência entre a narrativa verbal e a narrativa visual, de forma a promover uma forte interdependência dos dois planos de expressão. Isso significa que o visual participa da construção de sentidos e efeitos de sentidos. O escritor utiliza desse recurso para abranger diversas linguagens e com a finalidade de montar uma história em que o protagonista é alguém destinado a ser o rei do sertão. As imagens, em vez de funcionar como mera ilustração para o verbal, servem para provar as ideias da personagem principal.

O romance inicia apresentando o personagem e narrador Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, poeta, humorista, memorialista e bibliotecário da Vila de Taperoá, no sertão da Paraíba. O personagem decide relatar os acontecimentos que o levaram à cadeia.

Quaderna faz sua própria defesa perante o corregedor e para tanto conta a história de sua família, das desavenças, das lutas e das controvérsias políticas, literárias e filosóficas em que se vira envolvido. Após a evocação do fator determinante, isto é, a chegada do Donzel Branco, seu primo, Sinésio o Alumioso, e o assassinato de seu tio, a personagem conta a história de sua família, ligada à proclamação de um reino, estabelecido sobre duas pedras encantadas, situadas no Alto do Sertão de Pernambuco. Descreve seu itinerário pessoal e até íntimo: sua infância, sua formação poética com um cantador, a descoberta do passado da família e do mundo da cavalaria, a tomada de consciência de herdeiro do reino, a longa viagem iniciática que lhe permite reencontrar este passado, seus mestres e os problemas filosóficos, literários e políticos que os ocupam; o espírito aventureiro que leva Quaderna a organizar a sua reconquista do Reino Perdido e lhe permitirá talvez, um dia, revelar a verdade sobre a morte do seu tio.

A chegada do Rapaz do Cavalo Branco, misterioso e perigoso, será o início da grande aventura de

Quaderna, sua “Demanda do Graal”: demanda da identidade do rapaz, busca da verdade, procura de um tesouro perdido, mas, antes de mais nada, espera e procura da Revelação, do Sacramento que o tornará Imperador do Sertão e Gênio da Raça, pois o narrador se considera o herdeiro legítimo do trono do Brasil, em oposição à farsa dos Bragança. A aventura de fato não começou: o romance inteiro não é senão preparação à aventura, relato mesclado de muitas histórias ou anedotas ligadas, direta ou indiretamente, à narrativa principal.

Este romance foi baseado num acontecimento histórico. É o relato de um levante de cunho sebastianista no interior de Pernambuco, no longínquo ano de 1838. O trágico episódio foi protagonizado por um mameluco chamado João Antonio dos Santos, um lunático que dizia saber o local onde ficava o reino de D. Sebastião, rei de Portugal desaparecido num combate. No local escolhido tinha dois enormes rochedos que funcionavam como santuários e outra rocha era a mesa do holocausto. O líder e os seus seguidores cantavam hinos, fumavam uma erva santa e bebiam um alucinógeno suco de jurema, um parente distante do Santo Daime (SANTOS, 2009).

Antes de desaparecer sem deixar vestígios, João Antonio dos Santos passou o seu reinado para o seu irmão José Joaquim. O líder religioso também manteve relações sexuais com todas as mulheres casadas da Pedra do Reino, elas tinham que passar a noite de núpcias com ele. Sua fama atraiu até não miseráveis, como os fazendeiros da região.

Para abrir as entranhas da terra e deixar passar o rei D. Sebastião e toda a sua corte, João pregava que tinha que ser derramado muito sangue. E todos seguiram a recomendação, durante dias houve uma matança na região. Primeiro sacrificaram os cachorros, que voltariam como dragões na comitiva do rei. Depois foi a vez de homens, mulheres e crianças, num total de trinta pessoas até a chegada da polícia.

Não foi o primeiro caso do gênero, em 1819 um ex-soldado, Silvestre João dos Santos, já tinha tentado fundar um reino sebastianista na Serra do Rodeador, a 180 quilômetros de Recife. Dos cerca de mil adeptos, mais da metade morreu atacada por uma força militar enviada pelo governador Luis do Rego, que incendiou o arraial (SUASSUNA, 1976).

Pregações como estas correm os sertões há gerações. O sebastianismo é o conceito que norteia toda a saga do romance. Sebastianismo é a crença na volta do rei D. Sebastião desaparecido na batalha, pois os adeptos dessa crença esperam que com a volta do rei ocorra um período de fartura e riqueza de seus seguidores (SANTOS, 2009).

A saga de Quaderna lembra a de Quixote, os dois são visionários. E o romance faz muitas referências dos mitos ibéricos e, sobretudo na primeira parte sobram referências aos romances de cavalaria.

Para que Quaderna legitime o seu nome e poder é necessário criar um contexto. Para tanto, todos os personagens influentes são batizados com títulos de nobreza, o que constrói uma aristocracia. Toda aristocracia que se preze tem uma arte aristocrática e uma academia para legitimar cada passo do rei. No caso do romance, a literatura é a de cordel, que Quaderna chama de folheto, e a arte é a simbologia das xilogravuras que auxiliam na compreensão dos fatos. O sonho monarquista da personagem existe porque há uma extensa bibliografia informal sobre o assunto que, de certa forma o legitima como herdeiro do trono e o faz sonhar com genealogias sagradas e símbolos que criam uma fértil iconografia real, tudo adaptado à fauna e flora nordestinas.

## As unidades léxicas complexas do romance

O levantamento e a análise realizados permitiram classificar as unidades lexicais complexas em grupos temáticos pertencentes ao universo sertanejo do romance, estabelecidos com base em características significativas do discurso do autor.

De acordo com Aragão (2011), elaborar dicionários, glossários e vocabulários regionais/populares não

é uma tarefa fácil, já que o termo regional não possui uma conceitualização estável entre os especialistas da área do léxico. Para não entrar em um debate nesse momento, definimos regional como sendo o que tem marca de uma região, como a nordestina, por exemplo, ou de um Estado. O nosso *corpus* refere-se à produção literária de Ariano Suassuna, autor pernambucano, os traços de sua linguagem popular fica registrado no léxico, com um vocabulário de palavras e expressões regionais/populares.

Os nomes compostos que se grafam com hífen são normalmente identificados pelos lexicógrafos e registrados nos dicionários. Contudo, muitos deles não têm tal grafia, nem esta seria um critério linguístico adequado para caracterizar uma sequência de palavras como unidade lexical. De fato, na identificação de compostos há que utilizar um conjunto de critérios linguísticos que vão desde a verificação do comportamento morfológico dos seus constituintes até à análise das propriedades sintáticas e semânticas.

A Pedra do Reino é do ponto de vista linguístico, uma mistura de erudito, popular, regional, é uma representação da cultura e da sociedade nordestina. As personagens da Pedra Reino têm, em sua linguagem, as marcas socioculturais do falar nordestino. Os termos e as expressões utilizados pertencem à região pernambucana e paraibana. Vejamos alguns exemplos retirados da obra de Suassuna (1976):

**Acangaceirada** – á moda dos cangaceiros.

Cangaço: s.m. 1.o mesmo que engaçó ou cango. 2. gênero de vida dos bandoleiros do Nordeste (cangaceiros) (Bras). 3. utensílios de gente pobre. 4. conjunto das armas do cangaceiro.

**Guarda-peito** – pedaço de couro curtido que os vaqueiros atam ao pescoço para resguardar o peito; peitoral.

**Maçaroca** – onça mestiça, uma mistura de onça negra e onça pintada.

Maçaroca: s.f. 1. o fiado torcido e enrolado no fuso. 2. espiga de milho. 3. molho, feixe. 4. porção de tripas enroladas e atadas para vender. 5. (Bras) cabelo ou crina embaraçada, maranha, enredo.

**Carcará de chavelhos** – ave falconídea com chifres; a figura da morte.

Chavelhos: s.m. 1. chifre; corno 2. copo (gíria).

**Filhas das ervas** – 1. nascido (a) de pais incógnitos ou, fora do matrimônio.

**Filhos das molecas** –

Molecas: (Bras) menina negra; negrinha, qualquer garota.

**Patranhas de fidalguia** –

Patranhas: narração ou história mentirosa; mentira muito manifesta.

**Mulher de verdes olhos insondáveis** – mulher misteriosa

**Mulher de abismos** –

Abismos: s.m. 1. lugar muito fundo, voragem. 2. expressão superlativa para bem ou para mal. 3. coisa assombrosa.

**Cabra-do-rifle** –

Cabra-de-chifre: (Bras) cangaceiro.

**Fidalgo-de-espada** –

Fidalgo-cavaleiro: grau de nobreza concedido aos que tinha foro de jus e herdade, imediatamente superior a fidalgo-escudeiro.

Donzela pudica, sempre com seus **não-me-toques** –

Não-me-toques: erva conhecida como espinho-de-santo-antonio.

**Panos-mornos** – o mesmo que panos quentes, medidas contemporizadoras, providências



procrastinadoras.

**Casa-de-recursos** – o mesmo que casa de tolerância, aquela em que se alugam quartos para entrevistas amorosas (Bras. Nordeste).

**Menina-dos-olhos** – querer a alguém como às meninas dos olhos, querer-lhe muito.

Menina-do-olho: a pupila dos olhos.

**Fogo-fátuo dos defuntos** –

Fogo-fátuo: 1. luz que aparece à noite, ger. emanada de terrenos pantanosos ou de sepulturas, e que é atribuída à combustão de gases provenientes da decomposição de matérias orgânicas; boitatá, fogaréu  
2. (Derivação: sentido figurado), falso brilho, glória passageira.

Como o item léxico é algo previamente armazenado na memória, a literatura se apropria de elementos compartilhados na cultura de um povo. Resulta que existe um, ou mais de um, significado focal para cada associação armazenada na memória e, portanto, podemos manter a noção de item léxico no essencial, o item será a associação entre uma forma e um significado (focal ou derivado através da busca), um signo, no sentido de Saussure. As lexias trabalhadas no romance de Ariano Suassuna num processo de interpretação não são estritamente ligadas ao significado presente no léxico, mas é, ainda assim, ligado a ele, permitindo uma procura dentre os traços do significado focal, algo que seleciona ou despreza, sempre no objetivo de satisfazer o contexto do momento na perspectiva do autor.

## Considerações finais

Considerando o texto como um todo semanticamente estruturado, pressupõe-se que o autorestabelece no romance um quadro social de produção e circulação de um discurso representativo da cultura sertaneja. A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão de uma sociedade refletem no vocabulário escolhido as marcas históricas e sociais de uma língua escrita e oral.

As unidades léxicas complexas encontradas no *corpus* funcionam como elos na representação do sistema referencial e expressivo da linguagem. As palavras compostas/ unidades léxicas complexas são formadas por utilização das regras gerais de combinação de palavras e categorias gramaticais. No entanto, apresentam restrições às combinações das unidades léxicas compostas. Além disso, o seu significado é, muitas vezes, não composicional. Através do referencial histórico-linguístico utilizado pelo autor, com o uso de termos específicos do ambiente nobiliárquico, simbólico, a identificação e organização do vocabulário tornou possível a relação língua / cultura / povo evidente, o que prova a força do regionalismo no uso da língua.

## Referências

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A linguagem regional-popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- ARONOFF, Mark. **Word Formation in Generative Grammar**. Linguistic Inquiry Monograph I. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1976.
- BARBOSA, Maria Aparecida. A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não literários. **Revista Brasileira de Linguística**. São Paulo, v. 11, p. 31-60, 2001.
- BASILIO, Margarida Maria de Paula. **Estruturas Lexicais do Português**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASILIO, Margarida Maria de Paula. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1991.

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLOOMFIELD, L. [1926]. Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem. *In*: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**. Campinas: UNICAMP, 1978.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CRUSE, David Alan. **Lexical semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 3. Campo Grande, MS: Editora UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 193-208.
- ROSA, Maria Carlota. Padrões lexicais: as várias dimensões. **Anais do I Simpósio de estudos Lexicais do Rio de Janeiro / SEL-Rio**, 45-58, 2007.
- SANDMANN, Antônio José. **Morfologia Geral**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- SANTOS, Tania Lima dos. A (re)escritura mítica do Sebastianismo no romance d'A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna. **Tese** (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 188f. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6237/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- SILVA, Augusto Soares da. **A Semântica de DEIXAR**. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.
- SUASSUNA, Ariano. **Romance D'A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do Vai-e-Volta**: romance armorial-popular brasileiro. 4 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.
- VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.